

São Paulo março de 1990

Desde 1985, era para mim e para mais ouvidos acompanhar o "Programa de Índio", momentos de grandes ternuras, através de suas músicas, dos depoimentos. Chegava mesmo cancelar compromissos para ouvir o Programa. Já fazia parte da nossa vida.

Afinal, cinco anos no ar. Com ele viajamos para as mais distantes regiões deste nosso Brasil, e até para dele, como na viagem que o Ailton fez recentemente ao Japão.

Sabia-se mais sobre nossa gente do que os mais sofisticados livros que antropólogos ou indigenistas pudessem escrever.

Ficará um grande vazio aos domingos as 9hs, ou as quarta feiras 23.30hs. O que de mais importante ocupará este espaço?

Pois, qualquer programação que vier após, jamais conseguirá preencher o espaço cultural que o Programa deixou.

Ailton e Angela, Valer!

Não será a extinção do Programa, que irá fazer que perdemos contato.

Quero que saibam o quanto me orgulho de
fazer parte da mesma população; só temos
culturas diferente. E é exatamente estas diferen-
ças que nos une. Eu quero deixar aqui um
trecho de um poema de Thiago de Mello.

Ser capaz, como um rio
que leva sozinho
a canoa que se cansa,
de servir de caminho
para a esperança.
E de lavar do límpido
a mágoa que mancha,
como o rio que leva, e lava.
Crescer para entregar
na distância calada
um poder de canção,
como o rio decifra
o segredo do chão.
E tempo é de descer,
meter o dom da força
sem deixar de seguir.
E até mesmo sumir
para, subterrâneo,
aprender a voltar

e cumprir, no seu curso,
o ofício de amar.

Como um rio, aceitar
essas súbitas ondas
peitas de águas impuras
que afloram a escondida
verdade nas funduras.

Como um rio, que nasce
de outros, saber seguir
junto com outros sendo
e neutros se prolongando
e construir o encontro
com as águas grandes
do oceano sem fim.

Queridos amigos
No caminho do amor ninguém
se pensa, porque se aprende a olhar
de frente o sol. Vamos continuar
batalhando juntos, porque resguardamos
o rumo e a esperança

Com carinho

Mário

Obs. Um grande abraço para Jaci-tá?